

Na Moamba e Namaacha

Ex-cativos apoiam FAM na luta contra os bandidos

— reclusos raptados fogem dos BA's e juntam-se às nossas Forças

por Teodósio Ângelo

Revelando um alto sentido patriótico, muitos cidadãos, alguns dos quais encontrando-se em centros prisionais a cumprir penas de prisão maior e que haviam sido raptados pelos bandidos armados em diversos pontos da província do Maputo, têm fugido das mãos dos bandoleiros, apresentando-se às nossas Forças Armadas, principalmente nos distritos de Moamba e Namaacha. Os referidos cidadãos, que reconhecem que «uma pessoa quando erra tem de ser corrigida», têm apoiado as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) nas operações de perseguição e aniquilamento dos bandoleiros.

A nossa Reportagem deslocou-se recentemente ao distrito de Boane, mais precisamente à Barragem dos Pequenos Libombos, onde se encontram acomodados alguns reclusos que fugiram das hordas do inimigo e outros libertados pelas FAM-FPLM durante as operações de destruição de acampamentos dos bandidos armados naquelas zonas da província do Maputo.

Para a destruição dos referidos acampamentos, segundo explicou um elemento das Forças de Defesa e Segurança estacionadas na zona, muito tem contribuído a participação das populações e dos próprios reclusos que, depois de conseguirem fugir dos bandoleiros, apresentam-se às FAM-FPLM e indicam-nas os esconderijos daqueles malfeteiros.

Temos muitos casos de reclusos que, encontrando-se em centros prisionais a cumprir penas maiores, foram raptados pelos bandidos armados. Esses reclusos, depois de conseguirem fugir dos bandidos armados, preferem juntar-se a nós indicando-nos a localização dos acampamentos dos malfeteiros. Esse espírito de patriotismo revelado por estes cidadãos, tem permitido a destruição de vários acampamentos, bem como a libertação de centenas de populares, entre homens, mulheres, velhos e crianças, sobretudo nos distritos de Moamba e Namaacha — frisou a fonte.

A fonte acrescentou que com a destruição dos acampamentos dos bandidos armados naqueles dois distritos da província do Maputo, já é possível a circulação de viaturas sem perigo.

Os bandidos que afectavam com as suas acções criminosas a circulação de viaturas vinham dos vários acampamentos nos distritos de Moamba e Namaacha. Esses acampamentos foram destruídos e, neste momento, os bandidos estão em fuga permanente devido às nossas acções coordenadas com essas pessoas que fugiram do cativeiro do inimigo — explicou.

Na ocasião, a nossa fonte referiu que era a partir desses acampamentos que os bandidos armados faziam as suas incursões até à zona do bairro da Liberdade, nos arredores do Maputo, onde para além do rapto das populações, saqueavam residências e as cooperativas de consumo.

PESSOAS SEM CORAÇÃO HUMANO

Nós não podíamos deixar a nossa terra para juntarmo-nos a um bando sem escrúpulos. Não podíamos juntarmo-nos a pessoas sem coração humano — como são os bandidos armados, que assassinam cidadãos indefesos e destroem as infra-estruturas sociais. Maltratam as pessoas, como aliás aconteceu connosco quando nos raptaram no Centro Prisional de Mahlanguene — disse João Manuel Mangulo Cuco, 27 anos e ex-trabalhador da MECANAGRO, que no passado dia 7 de Fevereiro do ano em curso foi raptado juntamente com outros 12 reclusos no Centro Prisional de Mahlanguene, na localidade de Matola-Gare, onde se encontrava a cumprir uma pena de quatro anos de prisão, depois de julgado e condenado em Novembro de 1985 por desvio de fundos na Cooperativa de Consumo do Bairro de Zimpeto, na cidade de Maputo.

João Cuco, assinalou que o facto de sermos condenados não significa que somos anti-patriotas. Fomos condenados por causa dos nossos erros e, neste momento, estamos a ser reeducados para que amanhã não repitamos os mesmos erros.

Ele acrescentou que juntando-nos aos bandidos significaria não aceitarmos a correcção e seria comprometermos cada vez mais com a nossa sociedade. Por isso, quando aparecermos uma oportunidade de fugirmos das mãos dos bandidos armados, fizêmo-lo e apresentámo-nos às nossas Forças Armadas, porque não é fugindo que se resolve o problema.

Na ocasião, João Cuco contou que após terem sido raptados cerca das 10 horas do passado dia 7 de Fevereiro, no Centro Prisional de Mahlanguene, foram obrigados a percorrer durante três dias consecutivos longas distâncias a pé e carregados de produtos que os bandidos haviam roubado às populações durante a sua incursão na localidade de Matola-Gare.

Um grupo constituído por cinco bandidos chegou ao centro intitulando-se ser das nossas Forças Armadas estacionadas na zona. Porém, cedo compreendemos que isso não constituía verdade, pois logo de seguida come-

çaram a fazer-nos muitas perguntas, ao mesmo tempo que nos obrigavam a acompanhá-los. Como era noite, pensámos que fosse um grupo numeroso e, por isso mesmo não oferecemos nenhuma resistência — disse João Cuco.

Falando sobre o percurso que foram obrigados a percorrer durante três dias dormindo no mato, o nosso interlocutor disse que antes de chegarem à «sede» dos bandoleiros, que se situava na zona próxima da fronteira da Namaacha, onde foram apresentados a um «comandante» chamado Daniel, passaram daquilo que chamam de «posições avançadas».

Mas antes de chegarmos, um companheiro nosso com que fomos raptados no Centro, morreu pelo caminho, visto que na altura encontrava-se doente. Por isso só chegamos lá 11 — recordou João Cuco, que na ocasião apontou que nos acampamentos dos bandidos armados não existem nenhuma condições de vida.

João Cuco, juntamente com outros elementos da população que haviam sido raptados em diversos pontos da província do Maputo, fugiu das mãos dos bandidos armados quando o seu acampamento foi destruído pelas FAM-FPLM no passado dia 25 de Fevereiro último.

O acampamento em que nos encontrávamos foi atacado e assaltado pelas nossas Forças cerca das 7.30 horas do passado dia 25 de Fevereiro, e, devido ao pânico gerado, os bandidos perderam o nosso controlo e aproveitámos a oportunidade para fugir e apresentarmo-nos às nossas Forças — explicou o nosso interlocutor.

Solicitado a pronunciar-se sobre o que pensava após ter fugido das hordas do inimigo João Cuco foi peremptório em responder que eu estava a cumprir uma pena e penso continuar a fazê-lo porque só assim o problema estará resolvido.

Outra pessoa contactada pela nossa Reportagem na Barragem dos Pequenos Libombos e que havia sido raptado pelos bandidos armados no Centro Prisional de Mahlanguene, é Fernando Manuel Machavane, 38 anos e pai de três filhos. Ele foi condenado em Junho de 1984 a 12 anos de prisão pela prática de homicídio voluntário

em Xinavane. Tal como os outros 11 reclusos, foi raptado no passado dia 7 de Fevereiro no Centro Prisional de Mahlanguene quando se encontrava a cozinhar.

Na altura, os bandidos traziam outras pessoas que haviam sido raptadas na localidade de Matola-Gare. Quando chegaram no Centro, mandaram essas pessoas de volta. A mim, os bandidos mandaram-me carregar as panelas da comida que estava a cozinhar, a qual comeram pelo caminho — disse Fernando Machavane quando relatava a forma como fora raptado.

Ele acrescentou que chegados ao acampamento, os bandoleiros fizeram-nos muitas perguntas, entre as quais o que nós estávamos a fazer num Centro Prisional. Nós respondemos que estávamos a cumprir as nossas penas, porque efectivamente conhecemos que uma pessoa quando erra tem que ser castigada. Então eles disseram que isso acabou e a partir de agora vocês vão ficar conosco. Mas nós perguntámos: ficar convosco a fazer o quê — disse.

Acrescentou que talvez por causa dessa nossa ousadia, fomos encaminhados imediatamente para as suas cadeias, onde éramos vigiados por um numeroso grupo de bandidos.

Mas Fernando Machavane não ficou muito tempo na prisão dos bandoleiros, pois, segundo explicou, por sorte minha, quando chegámos ao acampamento, o comandante estava doente. Como sabiam que eu era curandeiro, depois de terem sido informados por um dos meus colegas, vieram tirar-me para andar à procura de remédio no mato. No primeiro dia, saí acompanhado por um grupo de 30 bandidos, à procura de remédio no mato ao que regressámos e aleguei não ter encontrado. Voltámos a sair no segundo dia e regressamos com o remédio. Quando já era noite, disseram que eu devia prepará-lo. Foi nessa altura que aproveitando uma pequena distração dos bandidos que estavam a guarnecer-me, meti-me no mato pondo-me assim em fuga, isto no dia 16 de Fevereiro.

Depois de uma longa caminhada que durou quatro dias consecutivos e dormindo no mato, Fernando Machavane alcançou uma posição das nossas FAM-FPLM, onde contou o que havia acontecido com ele.

Agora que estou livre dos bandidos, espero voltar ao Centro para cumprir a minha pena. Não quis viver com os bandidos porque apesar de ser recluso não sou bandido. Aliás, lá no Centro sinto-me à vontade e útil à sociedade pois produzimos muitas coisas que, para além de beneficiar a mim próprio, servem também aos outros — disse a terminar.

Salomone Johane Nhachale, 56 anos e pai de um filho, é outro dos reclusos que encontrando-se a cumprir uma pena de prisão maior no Centro

Prisional de Mahlanguene, foi raptado pelos bandidos armados no passado dia 7 de Fevereiro. Ele foi condenado a 12 anos de prisão nos meados de 1984 em virtude de ter queimado duas residências da sua mulher na localidade da Catembe, na província do Maputo. Salomone Johane, tal como os restantes reclusos que haviam sido raptados pelos bandidos e que se apresentaram às Forças Armadas, deseja voltar ao Centro para continuar a cumprir a sua pena.

Os bandidos andam sempre a meter medo afirmando que aquele que tentar fugir e apresentar-se à Frelimo, será morto. Eu gostaria de dizer aos outros que se encontram na mesma situação, que isso é mentira. Nós fomos bem recebidos e estamos a ser tratados como pessoas. Veja que mesmo esta roupa que trago, foi-me oferecida aqui — disse em jeito de apelo Salomone Johane, quando na passada sexta-feira falava à nossa Reportagem.

SETE MESES COM OS BANDIDOS

Amílcar Albino Nhantumbo é um menor de 15 anos que durante sete meses, viveu compulsivamente com os bandidos armados num dos acampamentos recentemente destruídos pelas nossas Forças Armadas. Ele foi raptado em Setembro do ano passado no Bairro da Liberdade quando, juntamente com os amigos e irmãs, voltava da FACIM. Nesse ano, o pequeno Amílcar frequentava a 5.ª classe na Escola Secundária da Matola, segundo ele próprio afirmou à nossa Reportagem.

Ele conta que foi raptado no dia 7 de Setembro do ano passado quando descia de um machimbombo dos Transportes Públicos Urbanos no Bairro da Liberdade, regressando da FACIM. Na altura, encontrava-me com as minhas irmãs, primos e amigos, num total de 15 pessoas. Os bandidos obrigaram-nos a acompanhá-los em direcção à fronteira da Namaacha. Mas antes de lá chegarmos mandaram de volta os meus primos e irmãs para além de outras pessoas que também haviam sido raptados. Caminhámos durante quatro dias até chegarmos a um acampamento, próximo da fronteira, onde fomos apresentados aos chefes — disse Amílcar Albino Nhantumbo.

Acrescentou que no acampamento, nós os pequenos íamos buscar água ou corta lenha, enquanto que os adultos estavam divididos em grupos. Havia grupos que iam carregar os produtos do assalto, outros que iam ao abate de gado, entre outras actividades.

Falando sobre as condições existentes nos acampamentos dos bandidos,

Amílcar Nhantumbo disse que lá não existem nenhuma condições de vi-chegando mesmo a assassiná-las perante outras, desde que se suspeite que tentam fugir. Todos os dias chegavam mais pessoas raptadas. Não há comida nem assistência sanitária.

Aliás, ele próprio traz sinais dessa situação vivida nos acampamentos dos bandidos armados. Sofreu graves efeitos de subnutrição e quando se apresentou às nossas Forças Armadas não trazia nenhuma peça de vestuário. Neste momento ele está a recuperar mercê da atenção especial que, tal como acontece com os outros fugidos das mãos dos bandoleiros lhe é prestada na pequena vila da Barragem dos Pequenos Libombos.

Explicando a forma como conseguiu fugir das hordas dos bandidos, Amílcar Nhantumbo disse que no passado dia 24 do corrente, as nossas Forças atacaram e assaltaram o acampamento. Eu, juntamente com os outros raptados aproveitámos o momento de confusão para fugir e apresentamo-nos às Forças Armadas estacionadas em Mulotana.

Entretanto, segundo explicou um oficial das nossas Forças Armadas, devido às indicações dadas pelo pequeno Amílcar, foi possível destruir mais um acampamento dos bandidos armados no distrito da Namaacha, próximo da Barragem dos Pequenos Libombos.